

Relações intergeracionais: as barreiras da institucionalização

Intergenerational relationships: the barriers of institutionalization

Sacha Lima Vieira

RESUMO: O atual cenário de alterações demográficas e sociais evidencia o aumento da população idosa e a institucionalização da infância e da velhice. O Centro Paroquial de São Bernardo (CPSB) é uma instituição multigeracional, que tem tentado promover atividades entre crianças e idosos, mas reconhece dificuldades na sua concretização. Neste estudo de caso analisam-se esses obstáculos da institucionalização ao desenvolvimento de atividades intergeracionais.

Palavras-chave: Institucionalização; Intergeracionalidade.

ABSTRACT: *The current context of demographical and social changes underlines the increase in the number of old people and in the institutionalization of childhood and old age. The Parish Centre of São Bernardo (CPSB) is a multigenerational institution that has tried to promote activities involving children and old people; however recognizing difficulties in their concretization. This case study aims to analyze how the institutionalization obstacles the implementation of intergenerational activities.*

Keywords: *Institutionalization; Intergenerationality.*

Introdução

O mundo vive em constantes mutações interligadas em diferentes âmbitos como demografia, economia, estrutura familiar ou relações sociais. As questões demográficas, como a diminuição da natalidade e o aumento da esperança de vida, e o conseqüente envelhecimento da população, constituem fatores relevantes nessas alterações. Alguns dos resultados quantificáveis destas transformações foram: (a) aumento do número de famílias com mais avós do que netos; (b) aumento do tempo possível convivência entre avós e netos, que podem durar até três ou quatro décadas; (c) e aumento do número de idosos dependentes, com necessidade de apoio social e cuidados de saúde que, com frequência, se associam à institucionalização (Newman *et al.*, 1997)

A entrada da mulher no mercado de trabalho também constitui um aspeto determinante, pois ela era a responsável tradicional pelas atividades de cuidado e educação dos mais novos e mais velhos na família. Os equipamentos sociais (i.e, serviços sociais e educativos de apoio e cuidado a crianças e idosos) surgiram como resposta a estes fenómenos sociais e têm vindo a desenvolver-se de inúmeras formas. À medida que a institucionalização se torna uma regularidade são cada vez mais as crianças e as pessoas idosas que frequentam contextos institucionais educativos e sociais, e aí passam mais tempo. Assim, a institucionalização de crianças e pessoas idosas começa a revelar a sua influência no quotidiano destes grupos. Tem-se verificado que muitas destas instituições se fecham nas suas *paredes*, dificilmente abrindo *portas* a outras relações sociais, como as baseadas na comunicação e convivência entre gerações (Ferreira, 2008).

Todos estes aspetos representam desafios recentes, para os quais os países e as comunidades têm tentado encontrar respostas. A aptidão para gerir esses desafios de forma criativa dependerá da capacidade de procurar alternativas para as necessidades da população idosa (Lima, 2010). Nesta linha, novas estratégias têm sido desenvolvidas, incluindo a criação e promoção de programas ou atividades intergeracionais, e de espaços multigeracionais.

Alguns destes programas emergiram no campo da intervenção comunitária e constituíram uma forma de ligar as instituições destinadas a crianças com as dirigidas a pessoas idosas, promovendo uma interação mais forte das instituições com a comunidade (Ferreira, 2008). Em Portugal, são cada vez mais as instituições, destinadas à infância e/ou às pessoas idosas, com preocupações com a promoção das relações entre grupos geracionais e que incluem algumas

atividades intergeracionais nos seus planos (e.g., pessoas idosas que vão ao jardim de infância contar histórias ou comemorações de épocas festivas com a combinação de grupos geracionais). Estas iniciativas, aparentemente simples, envolvem condicionantes relativas às características de cada grupo e à organização das instituições que, com frequência, se transformam em obstáculos à concretização.

Este estudo exploratório analisa dificuldades e constrangimentos associados à implementação de atividades intergeracionais em contextos institucionais, procurando contribuir para a melhor compreensão e mais fácil concretização dessas atividades. Trata-se de um estudo de caso, realizado no Centro Paroquial de São Bernardo (CPSB), uma instituição de composição multigeracional, que procura promover laços entre os seus dois grupos geracionais de utentes (crianças e pessoas idosas). Apresenta uma história de algumas tentativas de implementação de atividades intergeracionais; desta experiência os profissionais apontam fatores que avaliam como barreiras ao trabalho intergeracional: (a) o *desrespeito* das crianças pelas pessoas idosas; (b) o incómodo dos mais velhos pelo barulho das brincadeiras dos mais novos; (c) a existência de preconceito das crianças em relação às pessoas idosas, manifestada, por exemplo, em queixas sobre o seu odor; e (c) a atenção muito centrada na criança por parte das educadoras de infância, que nunca propõem realizar atividades com as pessoas idosas. Assim, neste estudo aprofundam-se estas dificuldades, para contribuir para melhorar o encontro e as atividades entre os grupos geracionais que frequentam instituições.

Institucionalização da criança e da pessoa idosa

A institucionalização da infância e velhice emerge por solicitações económicas e sociais, como a entrada da mulher no mercado de trabalho e, atualmente, constitui um grande desafio ao bem-estar social destes grupos. Numa sociedade industrializada, os serviços de apoio social e educativo a crianças e pessoas idosas são cruciais para conciliar a vida familiar e profissional. Contudo, a institucionalização pode diminuir as oportunidades de convivência entre essas gerações, criando isolamento e desconhecimento geracional (Nunes, 2009).

A criança e institucionalização

Os pais (ou educadores) dispõem de várias opções de apoio às suas responsabilidades com a educação das crianças: desde um sistema informal composto pela rede familiar até um sistema formal (que inclui creche, jardim de infância, escola ou atividades extracurriculares)¹. À medida que as solicitações laborais e económicas se alteram e acentuam, os serviços informais vão dando lugar aos formais. Por isso, a institucionalização da criança em serviços educativos vai ocupando espaço por comparação com a educação familiar. O aumento da procura de serviços de cuidados para a infância associa-se a três situações sociais e económicas (Newman *et al.*, 1997): (a) reorganização na economia, isto é, a família moderna necessita de dois salários para sobreviver ou pelo menos manter o padrão normal de vida; (b) alteração na estrutura familiar, incluindo o aumento dos divórcios e famílias de educador único; e (c) novas perceções dos papéis de género, ou seja, a assunção do papel profissional pela mulher.

Os serviços educativos para crianças tentam proporcionar um ambiente próximo do familiar, com o propósito de promover um desenvolvimento mais saudável, pois as crianças passam parte do seu tempo diário longe dos pais e familiares (Newman *et al.*, 1997). No entanto, proporcionar um ambiente familiar inclui ver a criança como um sujeito envolvido numa densa e complexa rede de relações que conecta pessoas, ambientes e atividades (Brannen & Moss, 2003). Ou seja, é importante considerar outros familiares significativos (para além dos pais) que podem assumir papéis relevantes na educação e desenvolvimento da criança, como os avós.

A criança é um ator social nas suas relações com educadores, pais, outros familiares, outras crianças e outros indivíduos ou grupos do bairro, comunidade e sociedade (Brannen & Moss, 2003). Os centros educativos, assim como os serviços sociais e comunitários, são responsáveis por cuidar e assegurar essa rede social da criança e ajudá-la a desenvolver as suas competências sociais. O sentido da educação das crianças para serem cidadãos livres, autónomos e conscientes, passa por educá-las para serem socialmente responsáveis (Vandenbroek, 1999). Portanto, é preciso repensar os espaços educativos, para que as crianças possam desenvolver as suas relações sociais e exercer os seus direitos de participação na vida social.

¹ No que se refere às valências para a infância: a) a creche destina-se a crianças dos 0 aos 3 anos de idade; b) o jardim de infância dedica-se a crianças entre os 4 e os 6 anos de idade; e c) as atividades extracurriculares referem-se atividades de lazer para crianças e jovens a partir dos 6 anos de idade, nos períodos disponíveis das responsabilidades escolares e de trabalho.

A pessoa idosa e a institucionalização

Simultaneamente tem emergido um vasto leque de serviços educativos, sociais e de saúde para responder às necessidades e finalidades das pessoas idosas, que podem diluir o papel da família. Os cuidados formais (i.e, profissionais) para a pessoa idosa têm igualmente ganho relevo por comparação aos informais (i.e. suporte solidário providenciado pela família, amigos e/ou vizinhos), limitando as oportunidades de experienciar o envelhecimento num ambiente apenas informal (Lima, 2010). Assim, as políticas de institucionalização que surgem, por norma, para remediar situações de isolamento, têm também contribuído para a reforçar, especialmente quanto à relação da pessoa idosa com a família (Andrade, 2002).

A institucionalização na velhice tem estado envolvida pelo estigma do abandono familiar (Sousa, Figueiredo & Cerqueira, 2004): comenta-se que uma pessoa idosa está institucionalizada porque os filhos adultos não querem saber, ou seja, abandonam o pai/mãe idoso/a. Apesar destas contestações em relação à institucionalização, compreende-se que são serviços necessários, dos quais nem sempre é possível prescindir. Newman *et al.* (1997) consideram que na sociedade contemporânea são necessários quatro tipos de cuidados para pessoas idosas: (a) emocionais (i.e, para idosos saudáveis); (b) ligeiros (i.e, para idosos aptos a viver com relativa autonomia nas suas casas); (c) temporários (i.e, para idosos em situações de doença repentina e de curta duração); e (d) de longo prazo (i.e, para idosos doentes ou frágeis).

O envolvimento de instituições e profissionais no apoio e/ou cuidados à pessoa idosa e sua família pode assumir diferentes características em função do tipo de equipamento, isto é, se ocorre com o idoso a viver na sua casa (serviço de apoio domiciliário, centros de dia e convívio)² ou se implica a institucionalização permanente (lar de idosos) ou temporária (hospitalização) (Sousa *et al.*, 2004). Contudo há aspetos comuns inerentes ao envolvimento com serviços e técnicos, nomeadamente, por acrescentar elementos exteriores às interações familiares, com a particularidade de poderem ser intrusivos (apoio domiciliário) ou retirar a pessoa idosa da família (lares).

Em qualquer tipo de instituição a qualidade de vida dos utentes tem de ser promovida, sabendo-se que tende a ser influenciada pelos seguintes fatores inter-relacionados (Tester, Hubbard, Downs, Macdonald & Murphy, 2004): (a) a identidade (e.g., o reconhecimento de

² No que se refere às valências para a pessoa idosa: o serviço de apoio domiciliário dedica-se à prestação de cuidados individualizados e personalizados no domicílio; o centro de dia consiste numa resposta de prestação de um conjunto de serviços que contribuem para a manutenção das pessoas idosas no seu meio sociofamiliar; e o lar de idosos trata-se de uma resposta social destinada a alojamento coletivo, de utilização temporária ou permanente.

forças e fragilidades pelos outros, sentir-se em casa através da presença dos bens pessoais e da aparência física e manutenção de privacidade); (b) o ambiente de cuidados (e.g., ter liberdade de opção, oportunidade para *fazer coisas* e poder tomar o controlo de alguma situação); (c) as relações (e.g., a manutenção das relações familiares e laços sociais); e (d) as atividades (e.g., o envolvimento em atividades significativas). Ou seja, nestes fatores a intergeracionalidade emerge: manter relações familiares e sociais e envolver-se em atividades significativas. Estudos como os de Femia, Zarit, Clancy, Jarrott e Bruno (2008) salientam os benefícios para a qualidade de vida do envolvimento de pessoas idosas em programas intergeracionais: sentimento de satisfação com a vida; maior ligação com a comunidade; maior interação social; e menor isolamento social.

Educação intergeracional: um desafio à institucionalização e à organização social etária

A sociedade ocidental moderna organiza-se numa lógica etária, fortemente associada à produtividade: os mais novos que não produzem, mas são o futuro; os adultos que constituem o grupo social produtivo; e os mais velhos que já produziram. Esteves (1995) refere-se a uma certa inadequação atual da estratificação social por ciclos de vida, que não atende às características individuais e que segrega grupos etários. As expectativas em relação às várias gerações ou grupos etários divergem, pois tendem a ser definidos papéis, responsabilidades, direitos e funções considerando a idade cronológica. Nunes (2009: 56) salienta: “As gerações divididas emocionalmente, fisicamente e socialmente perderam oportunidades de aprendizagem e partilha”. Embora a organização social etária constitua uma forma aparentemente simples, adequada e equilibrada de relacionar os cidadãos, também se percebe que está a limitar trocas e aprendizagens intergeracionais relevantes. A crescente institucionalização de crianças e pessoas idosas resulta numa artificial segmentação etária da sociedade, que pode influenciar as relações entre gerações e comprometer oportunidades de convivência intergeracional e, conseqüentemente, criar ou agravar processos de discriminação e exclusão social (Andrade, 2002). Por isso, é imprescindível fomentar atuais e futuras relações entre as gerações: “A aproximação entre as gerações é uma ação coletiva que visa, voluntária e expressamente, à fomentação de laços recíprocos entre as idades e gerações na vida social” (Malki, 2008: 4).

A intergeracionalidade é atualmente reconhecida como um caminho fértil de desenvolvimento de programas de qualidade (nomeadamente em instituições educativas e sociais

para crianças, jovens e pessoas idosas), para melhorar o bem-estar das diferentes gerações e promover a coesão social. A literatura sugere como benefícios dos programas intergeracionais (Cox, Croxford, & Edmonds, 2006): (a) comunicação íntima entre intervenientes; (b) partilha de sentimentos e ideias; (c) cooperação em tarefas significativas. Os programas intergeracionais apresentam-se, assim, como veículos sociais que criam o propósito e a crescente troca de recursos e aprendizagens entre gerações mais velhas e mais novas (Bostrum, 2000).

A educação intergeracional é “um processo que visa ao desenvolvimento e aperfeiçoamento das competências humanas, das relações entre gerações e, contemporaneamente, de uma consciência intergeracional”, capaz de recriar responsabilidades e propiciar elos de solidariedade alternativos às práticas comuns de convivência geracional” (Palmeirão, 2007: 80). Em suma, a intergeracionalidade constitui uma alternativa a um modelo de organização etária da sociedade, procurando unir grupos geracionais através da criação de laços; respeita e cultiva o passado, enraíza-se no presente e pode preparar um futuro, evitando processos de discriminação e de exclusão social.

Objetivos

Este estudo explora obstáculos da institucionalização de crianças e pessoas idosas nas oportunidades de convívio e concretização de atividades intergeracionais.

Este estudo partiu de um problema colocado pelo CPSB: a instituição inclui respostas sociais para crianças e pessoas idosas, por isso, os profissionais fomentam atividades intergeracionais, mas com sucesso limitado na sua concretização.

Assim, este estudo centra os obstáculos institucionais à implementação de programas e atividades intergeracionais, procurando contribuir com orientações que facilitem a concretização dessas atividades.

Adotou-se a perspetiva dos vários grupos envolvidos: crianças, pessoas idosas e profissionais.

Metodologia: estudo de caso

Recorreu-se ao método do estudo de caso, que consiste no estudo da complexidade e particularidade de um caso singular para a compreensão da sua atividade em circunstâncias importantes (Stake, 2005). Este estudo desenvolveu-se a partir de uma realidade social concreta

vivida no CPSB, uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS)³ criada em 1971, e situada na localidade e freguesia de S. Bernardo, concelho de Aveiro, Portugal. A missão do CPSB é melhorar a vida social das pessoas da comunidade, com particular atenção aos mais desfavorecidos e socialmente vulneráveis. Pretende ainda apoiar e colaborar com a família, contribuindo para o desenvolvimento global da pessoa, promover a cidadania ativa e bem-estar de crianças e pessoas idosas.

O CPSB é uma instituição de composição multigeracional, pois presta serviços nas áreas de apoio social e educativo em dois edifícios vizinhos: (a) a cerca de 338 crianças (em creche, jardim de infância e centro de atividades dos tempos livres); e (b) a cerca de 93 pessoas idosas (em lar, centro de dia e através do serviço de apoio domiciliário). A promoção da intergeracionalidade constitui um objetivo do CPSB, que já realizou diversas atividades intergeracionais na instituição, mas reconhece dificuldades na sua concretização.

Amostra

A amostra compreende três grupos: (a) um grupo de 10 crianças dos 3 aos 6 anos de idade; (b) outro de 11 pessoas idosas dos 74 aos 89 anos de idade; e (c) ainda outro de 6 profissionais, 4 elementos do jardim de infância (2 educadoras de infância e 2 auxiliares de ação educativa) e 2 elementos do centro de dia (1 animadora sociocultural e 1 técnica superior de serviço social). Os participantes foram selecionados de acordo com a sua prévia participação e envolvimento nas atividades intergeracionais concretizadas pelo CPSB.

Instrumentos

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas semelhantes para os três grupos, mas aplicadas com diferenciações de linguagem considerando os mesmos: (a) entrevistas coletivas com as crianças (dois grupos de 4 elementos e um grupo de 2 elementos); (b) e coletivas com as pessoas idosas (três grupos de 3 elementos e um grupo de 2 elementos); e (c) individuais com os 6 profissionais. Com as crianças e com as pessoas idosas, as entrevistas partiram de fotografias de atividades intergeracionais anteriores, para ajudar a recordar e a focar determinado tópico.

O guião das entrevistas iniciava-se com o seguinte convite:

³ IPSS são instituições sem finalidade lucrativa constituídas, por iniciativa de particulares, com o propósito de dar expressão organizada ao dever moral de solidariedade e de justiça entre os indivíduos, desde que não sejam administradas pelo Estado ou por um corpo autárquico.

“Por favor vejam estas fotografias, que são de uma atividade intergeracional em que estiveram presentes, para depois podermos conversar um pouco sobre esse dia!”

Os tópicos envolvidos nas entrevistas com as crianças eram: *O que fizeram neste dia? O que mais e menos gostaram? Conhecem as pessoas que estão na fotografia? O que sabem acerca destas pessoas?* O guião das entrevistas para as pessoas idosas incluía questões específicas: *O que pensam sobre estas atividades com as crianças? Porque participaram, ou não, nestas atividades? Como se sentiram antes, durante e depois das atividades? Como gostariam que estas atividades fossem?* O guião das entrevistas para os profissionais continha questões como: *Qual a importância do contacto intergeracional para as valências para a infância e para a pessoa idosa? Que tipo de atividades intergeracionais foram anteriormente desenvolvidas pelo CPSB? Quais as facilidades e obstáculos que encontraram na implementação? Denota alguma diferença nas crianças e nos idosos antes e depois das atividades? O que pode impossibilitar a continuidade destas atividades?*

Com as crianças as entrevistas duraram entre 30 a 45 minutos e foram realizadas numa sala acolhedora e confortável do jardim de infância (para não se sentirem inibidas) e sem a presença de adultos da instituição que pudessem influenciar a informação fornecida. Com as pessoas idosas, as entrevistas duraram entre 60 minutos e 150 minutos e decorreram em redor de uma mesa da sala de atividades recreativas do centro de dia. Com os profissionais, as entrevistas duraram cerca de 30 minutos e foram realizadas nos gabinetes e salas de reunião.

Todas as entrevistas foram realizadas pela autora com o consentimento informado de todos os participantes, assim como com as autorizações dos encarregados de educação das crianças. Posteriormente, todas foram gravadas em áudio, transcritas e submetidas a análise temática pela autora.

Resultados

A análise foi conjunta para os 3 grupos, centrando as barreiras ao convívio e às atividades intergeracionais encontradas nos discursos, tendo emergido duas categorias principais (Tabela 2): “contexto institucional” e “participantes e envolvidos”.

Tabela 2. Barreiras às atividades intergeracionais: perspectiva de crianças, pessoas idosas e profissionais

1. Contexto institucional	
1.1. Incompatibilidade entre valências	<p>Predomínio de rotinas <i>“A dificuldade em arranjar tempo entre as horas de lanche e de outras refeições.”</i> [auxiliar, jardim de infância]</p> <p>Objetivos distintos <i>“Um aspeto a ter em conta era o estarmos todos em sintonia, as educadoras e os profissionais do centro de dia, ou seja, era termos o mesmo objetivo no que toca à intergeracionalidade.”</i> [animadora sociocultural, centro de dia]</p>
1.2. Espaço físico	<p>Problemas de acessibilidade às pessoas idosas <i>“A deslocação dos idosos é mais dificultada porque as crianças conseguem fazê-lo mas, felizmente, estamos perto.”</i> [auxiliar, jardim de infância]</p> <p>Inexistência de equipamento para adultos nas valências para a infância <i>“Também o facto de não termos aqui na nossa sala mobiliário adequado aos idosos, como umas cadeiras maiores, é um problema.”</i> [educadora, jardim de infância]</p>
2. Participantes e envolvidos	
2.1. Crianças	<p>Estereótipos sobre pessoas idosas (doentes) <i>“São idosos porque estão sempre doentes. A ambulância vai buscá-los. Qualquer dia eles morrem!”</i> [André, 5 anos]</p> <p>Comportamento das crianças (barulho e irrequietude) <i>“Às vezes [os idosos] queixam-se do barulho das crianças. Queixam-se delas serem irrequietas.”</i> [educadora, jardim de infância]</p>
2.2. Pessoas idosas	<p>Necessidade de ambiente tranquilo <i>“Inicialmente os miúdos vinham cá, mas depois os idosos também não gostam muito de barulho. E também não gostam de ver o seu espaço muito invadido pelos miúdos.”</i> [técnica de serviço social, centro de dia]</p> <p>Debilidade funcional e doença <i>“Eu agora com 87 anos e deu-me um AVC. Não posso fazer nada!”</i> [Francisca, 87 anos]</p> <p>Estereótipos sobre as crianças (irrequietas) <i>“Porque não estão quietas. Depois batem umas nas outras.”</i> [Antónia, 86 anos]</p>
2.3. Profissionais	<p>Desempenho dos profissionais (indisponibilidade) <i>“Os obstáculos somos nós. São as pessoas, são os técnicos, é quem está a trabalhar.”</i> [técnica de serviço social, centro de dia]</p> <p>Intergeracionalidade não é considerada no planeamento <i>“No planeamento semanal também deviam constar atividades que promovam o contacto intergeracional.”</i> [educadora, jardim de infância]</p>

Contexto institucional: a incompatibilidade entre valências e o espaço físico

Na categoria “incompatibilidade entre valências”, destaca-se o predomínio de rotinas e os objetivos distintos. Através dos discursos dos profissionais denota-se que existem falhas

de comunicação entre valências, emergentes desde o planejamento de atividades, e reforçadas pelo predomínio das rotinas. Os profissionais de cada valência afirmam planejar as atividades separadamente, com frequência sem procurarem pontos de convergência nas suas práticas. Acrescentam que, entre o tempo dedicado ao cuidado de necessidades básicas e às atividades curriculares do plano anual, não sobram muitas possibilidades para considerar outros aspectos, como a promoção da intergeracionalidade.

Em termos de espaço físico, os profissionais referem-se às barreiras arquitetônicas como obstáculos à deslocação e participação das pessoas idosas. Acresce a inexistência de equipamento e mobiliário adequado ao tamanho de adultos nas valências para a infância, que se traduz numa impossibilidade para a realização de atividades intergeracionais nesses espaços. A concretização das atividades é, por isso, colocada em causa pelos profissionais, embora alguns refiram que a proximidade entre as valências para crianças e para pessoas idosas pudesse facilitar a sua concretização.

Participantes e envolvidos: crianças, pessoas idosas e profissionais

A categoria “participantes e envolvidos” relaciona-se com fatores de participação das crianças, pessoas idosas e profissionais.

As crianças tendem a não referir constrangimentos perante a presença de pessoas idosas: mencionam a sua presença nas atividades e relatam algumas situações particulares de que se recordam (e.g., no Dia da Desfolhada⁴, a criança que encontrasse o milho-rei tinha de dar um beijo ou abraço a uma pessoa idosa). Apenas respondem afirmativamente, sem justificar, quando lhes é perguntado se gostam de participar nas atividades com as pessoas idosas. Todas as crianças reconhecem e identificam os idosos como os “vizinhos” ou os “velhinhos”; apenas uma, filha de uma funcionária do lar, sabe os nomes de todos os idosos. As crianças associam “ser velho” à doença, às idas ao hospital na ambulância e à morte; mas quando se referem aos seus avós/bisavós dizem que “não são velhos” ou que são “só um bocadinho velhinhos”. Os profissionais referem que temem que os estereótipos negativos das crianças em relação às pessoas idosas possam causar constrangimentos aquando da combinação dos

⁴ As tradicionais desfolhadas são atividades agrícolas das aldeias portuguesas, reunindo à sua volta novos e velhos, amigos ou vizinhos. Durante as desfolhadas, o aparecimento das espigas de milho-rei é fundamental para manter o entusiasmo de todos, pois quem as acha tem o direito de dar uma volta a todos os trabalhadores, distribuindo abraços. Antigamente, esta era uma oportunidade única para a aproximação física entre futuros e possíveis namorados e noivos.

dois grupos (e.g. alguma criança fazer um comentário depreciativo a um idoso). Alguns profissionais sublinham a necessidade de preparar as crianças para o encontro com os mais velhos, o que não consta no planeamento das atividades intergeracionais.

Os profissionais consideram que as pessoas idosas necessitam de um espaço tranquilo e que não gostam de ser perturbadas pela presença das crianças. As pessoas idosas afirmam que as crianças são inquietas e algumas vezes até agressivas entre elas. Sublinham que este aspeto as incomoda; no entanto, não parecem preferir a ausência das crianças à existência de barulho e de movimentação consequente da sua presença. O estado de saúde e funcional debilitado das pessoas idosas condiciona a sua participação em determinadas atividades; contudo, algumas, embora menos capazes, revelam sentir-se aptas para estarem com as crianças. Além disso, outras entendem que o seu baixo nível escolar (principalmente quando não sabem ler nem escrever) pode ser um impedimento para que possam ensinar alguma coisa às crianças; enquanto outras consideram a experiência de vida como um saber suficientemente rico e passível de ser transmitido às crianças.

Relativamente ao desempenho dos profissionais, aqueles que trabalham no centro de dia sentem que assumem, na maioria das vezes, as iniciativas intergeracionais. Consideram que os profissionais das valências para a infância são muito centrados nas crianças e que são escassas as propostas para a concretização de atividades com pessoas idosas.

Os profissionais referem ainda que são *eles* os principais obstáculos à concretização das atividades intergeracionais, considerando que existem falhas de comunicação na instituição; já que a inclusão de atividades intergeracionais no planeamento anual ou semanal depende da vontade coletiva.

Paralelamente, a sua indisponibilidade devido às inúmeras rotinas nestas instituições, compromete a existência de tempo para pensar e planear estratégias de promoção das relações entre crianças e idosos.

Discussão e notas finais

A institucionalização parece emergir como uma forma de segmentação etária revelando-se um obstáculo à concretização das atividades intergeracionais. A intergeracionalidade envolve vários grupos geracionais com as suas especificidades, pelo que

as condições e estratégias são complexificadas. Além disso, quando se pretende promover a intergeracionalidade num contexto institucional surgem outros obstáculos que devem ser considerados, nomeadamente: (a) a imagem e estereótipos existentes entre crianças e pessoas idosas; (b) a relação entre as crianças e as pessoas idosas; (c) o desempenho e a vontade dos profissionais; (d) a mobilidade e as condições funcionais e de saúde da pessoa idosa; e (e) o ambiente e as condições em que se proporcionam as oportunidades de convívio.

Também existem potencialidades que devem ser utilizadas enquanto estratégias que enriquecem as práticas, tais como: (a) os laços familiares dentro da instituição; (b) as vantagens das trocas intergeracionais bidirecionais; (c) a participação das pessoas idosas enquanto forma de autovalorização pessoal; e (d) a promoção de uma maior compreensão da velhice pelas crianças.

Apesar de as crianças passarem muito tempo no jardim de infância ou em atividades extracurriculares, mesmo sendo no edifício vizinho ao centro de dia, a instituição aparece como um impedimento a que as pessoas idosas vejam e contactem com as crianças (algumas são suas netas ou bisnetas) que se encontram nessas valências. Além disso, algumas pessoas idosas perspetivam a sua institucionalização como uma separação dos restantes familiares, principalmente aqueles que viviam situações de conflitos familiares e/ou doença.

Compreende-se que é necessário mais do que dois grupos geracionais numa instituição para assegurar as oportunidades de convívio; a proximidade física pode não ser um indicador de proximidade entre gerações. A promoção da intergeracionalidade deve merecer maior atenção das instituições que atendem mais de um grupo geracional, nomeadamente em termos de: (a) comunicação e cooperação entre elementos da equipa de profissionais (i.e. no planeamento das atividades e na compatibilidade de rotinas); (b) participação e envolvimento em atividades significativas pelas pessoas idosas (i.e. facilitar a sua mobilidade e gerar processos de participação); e (c) maior compreensão da velhice pelas crianças (i.é., promover a educação para o envelhecimento e preparar as crianças para o encontro com as pessoas idosas).

Referências

Andrade, F. (2002). *Uma experiência de solidariedade entre gerações: contributos para a formação pessoal e social dos alunos de uma escola secundária*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

- Bostrum, A. (2000). Intergenerational programmes: public policy and research implications, an international perspective. In: Hatton-Yeo, A. & Ohsako, T. (Eds.). *A general assessment of IP initiatives in the countries involved*: 4-8. Unesco Institute for Education, The Beth Johnson Foundation. Recuperado de <http://www.unesco.org/education/uie/pdf/intergen.pdf>.
- Brannen, J., & Moss, P. (2003). *Rethinking Children's Care*. Buckingham: Open University Press.
- Cox, R.; Croxford, A. & Edmonds, D. (2006). Connecting Generations Tool Kit. In: Wright, S. (Ed.). *Best practices in intergenerational programming*. Recuperado de: www.linkages.ca/pdfs/researchdocs/toolkit.pdf.
- Esteves, J. (1995). *Jovens e idosos: família, escola e trabalho*. Porto: Edições Afrontamento.
- Femia, E.; Zarit, S.; Clancy, B.; Jarrott, S. & Bruno, K. (2008). Intergenerational preschool experiences and the young child: Potential benefits to development. *Early Childhood Research Quarterly*, 23: 272-87.
- Ferreira, I. (2008). *As crianças e a comunidade: uma perspectiva intergeracional da educação*. Comunicação apresentada no IV Congresso Português de Sociologia Mundos sociais: saberes e práticas Universidade Nova de Lisboa.
- Lima, M. (2010). *Envelhecimento(s)*. (1ª ed.). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Malki, M. (2008). *L'intergénération, une démarche de proximité*. Comunicação apresentada no Colloque organisé par la Fondation Roi Baudouin "Les Défis des relations intergénérationnelles". Bruxelles.
- Newman, S.; Ward, C.; Smith, T.; Wilson, J.; McCrea, J.; Calhaun, G. & Kingson, E. (1997). *Intergenerational Programs: Past, Present and Future*. United States of America: Taylor & Francis.
- Nunes, L. (2009). *Promoção do bem-estar subjectivo dos idosos através da intergeracionalidade*. Dissertação de mestrado. Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Palmeirão, C. (2007). *A interação intergeracional como estratégia educativa: um contributo para o desenvolvimento de atitudes, saberes e competências entre gerações*. Tese de doutorado. Universidade do Porto, Porto.
- Sousa, L.; Figueiredo, D. & Cerqueira, M. (2004). *Envelhecer em família*. Porto: Âmbar.
- Stake, R. (2005). *Investigación com estudio de casos*. (3ª ed.). Madrid: Ediciones Morata.
- Tester, S.; Hubbard, G.; Downs, M.; Macdonald, C. & Murphy, J. (2004). What does quality of life means for frail residents? *Nursing and Residential Care*, 6(2): 89-92.
- Vandenbroek, M. (1999). *The View of the Yeti: Bringing up Children in the Spirit of Self-Awareness and Kindredship*. Netherlands: Bernard Van Leer Foundation.

Sacha Lima Vieira - Mestre em Ciências da Educação. Bolsista de Investigação. Departamento de Ciências da Saúde. Universidade de Aveiro. Campus Universitário de Santiago, 3810-193. Aveiro, Portugal.

E-mail: sachavieira@ua.pt.